

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CELACC – CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO**

**REFLEXÃO SOBRE MÍDIAS RADICAIS NA ERA DIGITAL E A CONSTRUÇÃO
RESISTÊNCIA DAS CLASSES SUBALTERNAS**

THAIS PEREIRA DA SILVA

São Paulo – SP
2015

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CELACC – CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO**

**REFLEXÃO SOBRE MÍDIAS RADICAIS NA ERA DIGITAL E A CONSTRUÇÃO
RESISTÊNCIA DAS CLASSES SUBALTERNAS**

THAIS PEREIRA DA SILVA

Trabalho de conclusão do curso de Mídia, Informação e Cultura do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Dennis de Oliveira.

São Paulo - SP
2015

REFLEXÃO SOBRE MÍDIAS RADICAIS NA ERA DIGITAL E A CONSTRUÇÃO RESISTÊNCIA DAS CLASSES SUBALTERNAS. ¹

Thais Pereira da Silva ²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo a reflexão sobre como as mídias radicais alternativas na era digital contribuem para a resistência das classes subalternas à hegemonia capitalista, criando canais (blogs e sites jornalísticos) com pautas contra-hegemônicas e desvendando a ideologia hegemônica. Os principais autores utilizados na pesquisa bibliográfica do artigo foram Antonio Gramsci, John D. H. Downing, Nestor García Canclini, Jesus Martin-Barbero e Milton Santos. Foi realizada entrevista com o idealizador da mídia radical alternativa, Periferia em Movimento, Thiago Martins. Acompanhou-se a oficina “Repórter da Quebrada”, organizada e ministrada pelos colaboradores fixos do Movimento em Periferia. As mídias radicais alternativas são a expressão da cultura popular de oposição, por isso suas pautas questionam quase sempre o poder constituído, neste caso, o poder das corporações mundiais e dos governos. Como o espaço da rede – virtual – é autônomo, as mídias radicais alternativas na era digital encontram algumas brechas para a resistência das classes subalternas, a partir organização dos indivíduos, desvendando a ideologia hegemônica – baseada na cultura do capital, do consumismo e do individualismo - e disseminando a ideologia contra-hegemônica, centralizada no homem, na comunidade. Porém, a resistência das classes subalternas é consolidada com a relação dialética entre a ocupação do espaço da rede e o espaço urbano.

Palavras-chave: Periferia em Movimento. Mídias radicais alternativas. Cultura popular de oposição. Resistência das classes subalternas.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição de obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura.

² Formada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pelo Centro Universitário FIEO, em 2003, e pós-graduanda do curso de Mídia, Informação e Cultura pelo Celacc.

ABSTRACT

The aim of this article is the reflection on how radical alternative medias, in the information Age, contribute to the subordinate working class resistance to the capitalist hegemony, creating channels (blogs and journalistic websites) with counter-hegemonic guidelines and unmasking the hegemonic ideology. The main authors in the bibliographical research of this article was Antonio Gramsci, John D. H. Downing, Nestor Garcia Canclini, Jesus Martin-Barbero and Milton Santos. Thiago Martins — who created the radical alternative media, *Periferia em Movimento* — was interviewed. He monitored the “Reporter da Quebrada”, managed and given by the *Movimento em Periferia* contributors. Radical alternative medias are an expression of opposition popular culture; therefore, its guidelines always question the constituted power, in this case, the worldwide power corporations and the governments. The virtual network space, being independent, the radical Alternative Medias in the Information Age find some loopholes for the subordinate classrooms resistance, unmasking the hegemonic ideology which is based on capitalism culture, consumerism and individualism, spreading the counter-hegemonic ideology, centered in the man, in the community. However, the underclass resistance has consolidated with the dialectical relation between network space occupation and urban space.

Keywords: *Periferia em Movimento*. Radical alternative medias. Opposition popular culture. Underclass resistance.

RESUMEN

El presente artículo tiene por objeto inducir a reflexión sobre cómo las medias radicales alternativas en la era digital contribuyen a la resistencia de las clases subalternas a la hegemonía capitalista, creando canales (*blogs* y sitios periodísticos) con pautas contra-hegemónicas y descubriendo la ideología hegemónica. Los autores principales utilizados en la investigación bibliográfica del artículo fueron John D. H. Downing, Nestor García Canclini, Jesus Martin-Barbero y Milton Santos. Se hizo un entrevista con el idealizador de la media radical alternativa, Periferia en movimiento, Thiago Martins. Se acompañó el taller “Reportero de la Quebrada”, organizado y ministrado por los colaboradores fijos del Movimiento de la Periferia”. Las medias radicales alternativas son la expresión de la cultura popular de oposición, por eso, sus pautas cuestionan casi siempre el poder de las corporaciones mundiales y de los gobiernos. Como el espacio de la red – virtual - es autónomo, las medias radicales alternativas en la era digital encuentran algunas salidas a la resistencia de las clases subalternas, a partir de la organización de los individuos descubriendo la ideología hegemónica – fundamentada en la cultura del capital, del consumismo y de los individuos – diseminando la ideología contra-hegemónica, centralizada en el hombre, en la comunidad. Sin embargo, la resistencia de las clases subalternas está consolidada con la relación dialéctica entre la ocupación del espacio de la red y el espacio urbano.

Palabras-clave: Periferia en movimiento. Medias radicales alternativas. Cultura popular de oposición. Resistencia de las clases subalternas.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre as mídias radicais alternativas na era digital e a sua contribuição para resistência das classes subalternas³, a partir da apreciação e análise do trabalho realizado pelo coletivo de comunicação Periferia Movimento.

As mídias radicais alternativas, como a Periferia em Movimento, A Voz da Comunidade⁴ e Do Lado de Cá⁵, são expressões da cultura popular de oposição. Por isso, suas pautas jornalísticas, geralmente, são independentes do poder constituído – corporações e governos – e, principalmente, questionam e desvendam a cultura e a ideologia hegemônica capitalista.

Como alternativa à imprensa hegemônica, que produz conteúdo com direcionamento moral e intelectual para manter a hegemonia do capital, as classes subalternas apropriam-se das mídias digitais – *websites*, *blogs*, redes sociais - para produzir conteúdo - nos formatos de textos, imagens e vídeos - relevantes para as classes subalternas, respeitando a realidade das classes populares, sua ideologia, sua cultura, condição econômica

A Periferia em Movimento, coletivo de comunicação, é formado por jornalistas nascidos e criados nos bairros do extremo zona sul da cidade de São Paulo.

Em 2009, incomodados com o conteúdo produzido pelos jornais e telejornais da imprensa hegemônica sobre a realidade das classes trabalhadores, Aline Rodrigues, Sueli Carneiro e Thiago Borges fizeram vídeo-documentário sobre ações positivas na periferia da zona sul. Logo depois, fundaram o coletivo de comunicação Periferia em Movimento.

³ As classes subalternas são formadas por trabalhadores assalariados: operários e camponeses. (GRUPPI, 1978, p. 69).

⁴ Fundado em 2005, pelo adolescente Rene Silva, o Jornal a Voz da Comunidade está localizado no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro. As pautas do Jornal são focadas nos problemas enfrentados pelos moradores do Complexo.

⁵ A rede de comunicação “Do Lado de Cá” foi criada, em 2010, pela jornalista Tatiana Ivanovici. Segundo a idealizadora do projeto, o “Do Lado de Cá” foi desenvolvido para divulgar todas as notícias positivas que fossem enviadas à rede, principalmente, relacionadas aos eventos culturais das periferias brasileiras. (IVANOVICI, concedida em 29 de abril de 2015.). “A primeira plataforma de comunicação das classes populares para as classes populares, que divulga ações de cultura, entretenimento que acontecem nas comunidades de todo o país”. O “Do Lado de Cá” possui duas frentes: o site e a agência. O site é uma rede de comunicação feita “ das classes populares para as classes populares”. O portal divulga vídeos e notícias enviadas por indivíduos, pessoas comuns, das periferias do Brasil. Já a agência promove consultoria, pesquisas de mercado e comunicação para as marcas trabalharem de acordo com o interesse das classes populares.

A *Periferia em Movimento*, mídia radical alternativa vinculado às classes subalternas, é um canal de veiculação e apoio às ações sociais, culturais, políticas e econômicas desenvolvidas nas periferias de São Paulo. “*Periferia em Movimento* atua como um veículo de comunicação alternativo à grande mídia. Observa e retrata as periferias com o olhar de quem está dentro e para quem está dentro”.⁶ Além disso, o coletivo promove oficinas para adolescentes do Grajaú (zona sul de São Paulo) e palestras nas escolas do ensino médio e universidades da região.

As mídias utilizadas pela *Periferia em Movimento*: *Blog* com mais de 220 mil acessos; Canal no *Youtube* com mais de 68 mil acessos; perfil no *Twitter* com mais 845 seguidores e página no *Facebook* com mais 10.000 fãs.⁷

A metodologia utilizada neste artigo é o método dialético, a partir da análise crítica do objeto de pesquisa e da confrontação das contradições.

A primeira parte do estudo consiste na pesquisa bibliográfica. Os principais conceitos utilizados neste artigo foram elaborados pelos seguintes autores: Antonio Gramsci; John D. H. Downing, Nestor García Canclini, Jesus Martin-Barbero e Milton Santos.

Para compreender “como” as classes subalternas apropriam-se das tecnologias – internet e computador/celular – para construir o discurso ideológico de resistência à hegemonia capitalista e divulgar notícias das classes subalternas para as classes subalternas, fez-se necessário a realização da pesquisa de campo.

Apropriando-se dos conceitos de intelectual orgânico⁸, de Gramsci, e filosofia da práxis, de Karl Marx, considera-se extremamente importante que os pesquisadores estejam vinculados ao objeto de pesquisa. Assim, não restringindo o trabalho a pesquisa bibliográfica.

Foi realizada entrevista semiestruturadas com o jornalista Thiago Martins, criador e responsável pelo *Periferia em Movimento*, presencialmente no dia 8 de agosto, no CEDECA

⁶ Retirado do blog *Periferia em Movimento*. Disponível em < <http://periferiaemmovimento.com.br/quem-somos/>> Acesso em 27 de jun 2015.

⁷ Retirado do blog *Periferia em Movimento*. Disponível em < <http://periferiaemmovimento.com.br/quem-somos/>> Acesso em 27 de jun 2015.

⁸ Cada grupo social nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político. (GRAMSCI, 1982, p. 3)

– Interlagos. Acompanhou-se / observou-se durante um dia a atividade pedagógica, o projeto “Repórter da Quebrada”⁹, organizada pelo coletivo.

Além disso, utilizou-se entrevista semiestruturada realizada com a jornalista Tatiana Ivanovici, idealizadora da rede de comunicação “Do Lado de Cá”, por e-mail, em 29 de abril de 2015, que morreu menos de dois meses após a entrevista, em 10 de junho de 2015.

Solicitei entrevistas com o idealizador da Voz da Comunidade – jornal comunitário do complexo do Alemão, no Rio de Janeiro – Rene Silva e com o responsável pelas mídias sociais do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). Eles concordaram em conceder a entrevista, mas não enviaram as respostas.

⁹ No dia 8 de agosto de 2015, acompanhou-se a oficina “Repórter da Quebrada”, que é “um projeto do coletivo de comunicação Periferia em Movimento com fomento do Edital Redes e Ruas da Prefeitura de São Paulo”. A atividade realizada foi uma entrevista coletiva com moradores do extremo da zona sul. Disponível em < <http://periferiaemmovimento.com.br/reporterdaquebrada/>>. Acesso em 2 nov. 2015.

2 HEGEMONIA E PODER

Embasado nas referências teóricas do Karl Marx e Vladimir Lênin, o pensador Antonio Gramsci concentra seus estudos em desvendar as estratégias da hegemonia capitalista, a partir do direcionamento cultural e ideológica da elite burguesa sobre as classes subalternas. Marx, diferentemente, concentrava suas análises sobre as relações de produção e na exploração do trabalho assalariado. (GRUPPI, 1978).

Para Gramsci, a hegemonia é a supremacia de um grupo social sobre outro, neste caso, da burguesia capitalista sobre a classe trabalhadora assalariada. (COUTINHO, 2011, p. 290).

Embora ressalte-se que a hegemonia capitalista é realizada na estrutura, na economia, a legitimação e a manutenção da supremacia da elite burguesa são estabelecidas na superestrutura, no campo ideológico. “A hegemonia, portanto, não é apenas política, mas também um fato cultural, moral, de concepção do mundo”. (GRUPPI, 1978, p. 73).

O conceito de hegemonia é apresentado por Gramsci em toda a sua amplitude, isto é, como algo que opera não apenas sobre a estrutura econômica e sobre a organização política da sociedade, mas também sobre o modo de pensar, sobre as orientações ideológicas e inclusive sobre o modo de conhecer. (GRUPPI, 1978, p.3)

Como a hegemonia cultural capitalista é construída?

Para Gramsci, a hegemonia cultural capitalista é construída, disseminada e, principalmente, reforçada pelas instituições ditas privadas da sociedade civil, como escola, igreja, partidos políticos, sindicatos e meios de comunicação, dentre os quais existem os jornais e as agências de publicidade. “O capitalismo manteve e organizou sua liderança através de órgãos de informação e cultura, como escolas, universidades, igrejas, meios de comunicação e ideologias corporativas”. (DOWNING, 2004, p. 47).

De acordo com Moraes (2010) e Barbero (1997), o conceito de hegemonia elaborado por Gramsci permite o estudo mais aprofundado da supremacia cultural, política e econômica da elite sobre as classes subalternas, que não é imposto e sim, consentido entre as partes.

Está, em primeiro lugar, o conceito de hegemonia elaborado por Gramsci, possibilitando pensar o processo de dominação social já não como imposição a partir de um exterior e sem sujeitos, mas como processo no qual uma classe hegemônica, na medida em que representa interesses que também reconhecem de

alguma maneira como seus as classes subalternas. E ‘na medida’ significa aqui que não há hegemonia, mas se ela se faz e desfaz, se refaz permanentemente num ‘processo vivido’, feito não só de força mas também de sentido, de apropriação do sentido pelo poder, de sedução e de cumplicidade. (BARBERO, 1997, p. 104).

O atual estágio da globalização capitalista apoia-se na homogeneização cultural das classes populares em toda a parte do globo terrestre, utilizando-se da cultura hegemônica (ou da cultura de massa). Assim, a elite burguesa mantém a sua supremacia econômica e cultural, a partir da direção moral e intelectual, como o idioma – a língua inglesa torna-se o idioma oficial mundial -; as religiões; educação; e como organização da vida cotidiana – relações familiares, trabalhistas e valores do liberalismo capitalista. (SANTOS, 2007) (GARCIA CANCLINI, 1988). “A ideia de cultura vai permitir à burguesia cindir a história e as práticas sociais – moderno/atrasado, nobre/vulgar – e ao mesmo tempo reconciliar as diferenças, incluídas as de classe”. (BARBERO, 1988, p. 134).

A cultura de massa ¹⁰– a cultura transformada em bem de consumo, em produto comercializado – também é importante nesse processo de homogeneização. “O mercado vai impondo, com maior ou menor força, aqui e ali, elementos mais ou menos maciços da cultura de massa, indispensável, como ela é, ao reino do mercado”. (SANTOS, 2007, p. 143).

Como a hegemonia da elite capitalista sobre as classes populares não é imposta pelas classes dominantes, mas consentida pelos trabalhadores, Garcia Canclini (1998) observa que estudar os processos culturais é essencial para compreender e desvendar os métodos de “hegemonia – consenso”¹¹.

Além disso, a hegemonia é um processo em constante transformação (não é estático), por isso ao desvendar as estratégicas ideológicas de “dominação” é possível encontrar as brechas para a resistência das classes subalternas ou até mesmo construir outra hegemonia, a dos trabalhadores.

As ideologias não de modo algum arbitrárias; são fatos históricos reais, que devem ser combatidos e revelados em sua natureza de instrumento de domínio, não por razões de moralidade, mas precisamente por razões de luta política: para

¹⁰ “Cultura de massa – o produto das indústrias comerciais de publicidade, rádio e teledifusão, cinema e mídia impressa – como uma versão espúria e até mesmo implicitamente fascista das necessidades do público, a qual sufocava o espírito de questionamento”. (DOWNING, 2004, p. 34).

¹¹ “Entendemos por hegemonía – a diferencia de la dominacion, que se ejerce sobre adversários y mediante la violencia – un proceso de dirección política e ideológica em el que uma classe o sector logra una apropiación preferencial de las instancias de poder em alianza com otras clases” (CANCLINI, 1988, p. 22). Entendemos por hegemonia – ao contrário da dominção exercida pela violência – processo de orientação política e ideológica de uma classe se apropria das instâncias de poder”. Tradução: Thais Pereira da Silva.

tornar os governados intelectualmente independentes dos governantes, para destruir uma hegemonia e criar outra. (COUTINHO, 2011, p. 188).

2.1.1 Mídia hegemônica

As mídias hegemônicas, assim como algumas igrejas e escolas, constroem, disseminam e reforçam a ideologia dominante, fundamentada na cultura homogeneizada, a cultura de massa, com a intenção de manter a hegemonia do capital.

De acordo o conceito de hegemonia formulado por Gramsci, considera-se como imprensa hegemônica a mídia pertencente ao grupo dominante, a elite capitalista brasileira, que utiliza os seus intelectuais orgânicos - jornalistas e profissionais da comunicação - para dar a direção moral e intelectual aos grupos subalternos, mantendo a hegemonia cultural e econômica da elite.

(...) o modo pelo qual se desenha e movimenta o príncipe eletrônico permite defini-lo como o intelectual orgânico dos grupos, classes ou blocos do poder dominantes, em escala nacional e mundial. Um intelectual orgânico coletivo, já que sintetiza a atividade, o descortínio e as formulações de várias categorias de intelectuais jornalistas e sociólogos, locutores e atores, escritores e animadores, âncoras e debatedores, técnicos e engenheiros, psicólogos e publicitários; todos mobilizando tecnologias eletrônicas, informáticas e cibernéticas como técnicas sociais de alcance local, nacional, regional e mundial. (IANNI, 2002, p. 14 e 15)

Além disso, Moraes (2010) ressalta que o discurso da imprensa hegemônica é construído intencionalmente para disseminar concepções de mundo capitalista. “É por isso que a luta fundamental pelo poder é batalha pela construção de significado na mente das pessoas”. (CASTELLS, 2013, p. 15).

O jornalismo integral de Gramsci sobressai como aparelho privado de hegemonia, na medida que procura intervir no plano político-cultural para organizar e disseminar informações e ideias que concorrem para a formação do consenso em torno de determinadas concepções de mundo. (MORAES, 2010, p.66)

Considera-se, então, que os meios de comunicações possuem papel importante na divulgação do discurso do poder, e assim contribuindo para a manutenção do poder econômico, social, político e cultural das elites brasileiras, do qual a mídia hegemônica faz parte. (NOGUEIRA, 2010, p. 28).

No que se refere à construção do consenso e da direção política e, grosso modo, da visão de mundo preponderante, os meios de comunicação, responsáveis pela divulgação “em massa” do discurso do poder, representam um dos mais eficientes mecanismos da manutenção da hegemonia, principalmente se for

considerado que, na contemporaneidade, esses meios assumiram funções importantes superiores a outras agências e instituições sociais de formação tradicional ou informal como escola, família, igreja, exército. (NOGUEIRA, 2010).

Milton Santos (2007) avalia que a informação a serviço do capital, como acontece com a imprensa hegemônica, só favorece a manutenção dos processos desiguais capitalistas. “A associação entre a tirania do dinheiro e a tirania da informação conduz, desse modo, à aceleração dos processos hegemônicos”. (SANTOS, 2007, p. 35).

2.1.2. Resistência das classes subalternas: As ideologias e a luta política.

A resistência das classes subalternas está vinculada à luta política e ao conhecimento. O saber popular das classes subalternas é identificado (em alguns casos) como senso comum. “Isto é, a concepção de mundo absorvida acriticamente pelos vários ambientes sociais e culturais nos quais se desenvolve a individualidade do homem médio”. (COUTINHO, 2011, p. 148).

De acordo com Gramsci, o senso comum é a visão de mundo de grande parte da classe trabalhadora, pois muitos indivíduos das classes subalternas não têm acesso à filosofia tradicional crítica. As igrejas, as escolas e os meios de comunicação são os responsáveis pela disseminação dos elementos do senso comum. Considera-se, portanto, que reforçar ideias do senso comum é elemento essencial para dominação da elite burguesa sobre as classes trabalhadoras. (COUTINHO, 2011).

Estes sistemas influem sobre as massas populares como força política externa, como elemento de força coesiva das classes dirigentes (...) como elemento de subordinação a uma hegemonia exterior, que limita o pensamento original das massas populares de uma maneira negativa. (COUTINHO, 2011, p. 149).

As ideologias podem servir para manter uma determinada estrutura econômica e cultural como a hegemonia capitalista. Porém, segundo Coutinho (2011), Gramsci considera que as ideologias têm papel fundamental para a superação do senso comum e para a mobilização das classes trabalhadoras em torno de melhores condições de trabalho, saúde, educação, ou seja, para a luta política. “As ideologias têm validade que é validade ‘psicológica’: elas ‘organizam’ as massas humanas, formam o terreno no qual os homens se

movimentam, adquirem consciência de sua posição e lutam”. (COUTINHO, 2011, p. 148). É na luta política consciente, principalmente, que as classes trabalhadoras podem resistir a hegemonia do capital.

3 PERIFERIA EM MOVIMENTO, MÍDIA ALTERNATIVA À IMPRENSA HEGEMÔNICA

A Periferia em Movimento, coletivo de comunicação, é formado por jornalistas nascidos e criados no Grajaú e no Campo Limpo, bairros do extremo zona sul da cidade de São Paulo.

Em 2009, Thiago Martins, Aline Rodrigues e Roseli Carneiro, alunos do quarto ano do Curso de Jornalismo da Universidade de Santo Amaro (Unisa), sentiam-se incomodados com o discurso da mídia hegemônica. Por isso, reuniram-se para produzir vídeo documentário como trabalho de conclusão de curso sobre o “Evento da Paz”, movimento formado por jovens do Grajaú, que consiste em ocupar os espaços públicos para diminuir a violência no bairro.

Sentíamos o incomodo de como a mídia retratava e retrata as periferias, dando destaque para a violência, para a criminalidade (...), sem aprofundar nas causas da violência, tratando como se a violência fosse algo natural, as pessoas fossem violentas naturalmente. (...) tinha muita coisa boa *rolando*, iniciativas dos próprios moradores para suprir essas deficiências do Estado, que eram as causas da violência no fim das contas. E a gente queria contar isso, porque a gente não via isso na mídia convencional, não se via representado. (MARTINS, 2015, em entrevista concedida para este artigo).

Em julho do mesmo ano, paralelamente à produção do documentário, o grupo criou o *blog* “Periferia em Movimento”, pois tinha muita informação que não seria usada no vídeo, como bastidores das gravações e dados da pesquisa científica. Além disso, os moradores começaram a enviar pautas de eventos culturais da região para o coletivo de comunicação divulgar.

Sendo assim, o *blog* Periferia em Movimento nasceu do desconforto de três estudantes de jornalismo sobre as pautas negativas da mídia hegemônica sobre as periferias “É razoável reconhecer que certas formas de liderança organizada são essenciais para coordenar os desafios à hegemonia ideológica do capital e propor programas e perspectivas alternativos dignos de crédito”. (DOWNING, 2010).

A partir da concepção gramsciana de que todos os homens são intelectuais, apesar nem todos terem essa função na sociedade. Considera-se o Thiago, a Aline e a Roseli jornalistas/intelectuais orgânicos¹² das classes subalternas.

¹² “Gramsci fala de intelectuais coletivos, mas também de indivíduos, como por exemplo Benedetto Croce (o caderno 10 é sobre esse intelectual)”. BIANCHI, Álvaro. 2015, em entrevista concedida para este artigo.

Gramsci esperava que os comunicadores intelectuais/ativistas se integrassem organicamente com as classes trabalhadoras para o desenvolvimento de uma nova ordem social justa e culturalmente superior, ao contrário dos intelectuais organicamente integrados com as classes dominantes, cujos esforços comunicativos fortaleceram a hegemonia do capital. (DOWNING, 2004, p. 48).

Considera-se que o coletivo de comunicação Periferia em Movimento é uma mídia radical, pois produz conteúdo jornalístico com pautas contra-hegemônicas¹³ capitalista. “Refletimos, apoiamos e difundimos as ações sociais, culturais, políticas e econômicas de iniciativa popular que visam a garantia dos direitos fundamentais na borda da cidade”.¹⁴

O presente artigo refere-se às mídias alternativas jornalísticas que utilizam as mídias digitais como o coletivo de comunicação Periferia em Movimento. Porém, o termo faz referência também aos grupos que utilizam o teatro de rua, a dança, a música e o grafite para contestar contra os poderes constuídos. “O termo cultura popular, então, concentra-se na matriz da mídia radical alternativa e, às vezes, se opõe a um ou mais elementos dessa pauta [da imprensa hegemônica]”. (DOWNING, 2004, p.39).

A demanda política das classes subalternizadas age no sentido de construir espaços de expressão próprios, como as iniciativas de cultura de periferia (as posses de hip-hop, os coletivos de teatro de rua, as comunidades de samba, os saraus literários de periferia); as experiências de mídia radical (grafitagem, protestos pontuais e sistêmicos, redes de comunicação alternativa, rádios comunitárias) e busca de representações pontuais nos espaços participativos institucionais. (OLIVEIRA, 2014, p.106).

Como nem toda cultura popular é cultura de oposição, de resistência, compreende-se que a resistência das classes subalternas está vinculada à cultura popular de oposição, que é capaz de esclarecer as estratégias ideológicas de liderança econômica e cultural das classes dominantes e mobilizar as classes trabalhadores a lutar por melhores condições de vida: saúde, educação etc. (DOWNING, 2004, p. 35).

Gramsci liga a cultura popular a subalternidade, mas não de modo simples. Pois o significado dessa inserção diz que essa cultura é inorgânica, fragmentada, degradada, mas também essa cultura tem uma particular tenacidade, uma espontânea capacidade de aderir às condições materiais de vida e suas mudanças, tendo às vezes valor político progressista, de transformação (BARBERO, 1997, p. 104).

¹³ “As noções de contra-hegemonia e contra-hegemônico tornaram-se bastante comuns entre os escritores influenciados pelo pensamento de Gramsci – embora ele próprio não tenha usado esses termos -, como forma de categorizar as tentativas de contestar as estruturas ideológicas dominantes e suplantá-las com uma visão radical alternativa”. (DOWNING, John D. H. , 2004, p. 48).

¹⁴ Citação extraída do *blog* jornalístico “Periferia em Movimento”. Disponível em <<http://periferiaemmovimento.com.br/quem-somos/>> Acesso em 25 jun 2015.

No primeiro momento, o *blog* Periferia em Movimento focava seu conteúdo na divulgação de eventos culturais das periferias e nas ações positivas promovidas pelos moradores da região.

Em novembro de 2012, um amigo do Thiago Martins, um dos idealizadores do coletivo de comunicação, foi morto por um Policial Militar (PM) quando estava indo trabalhar. Negro, ele foi confundido pelo PM com assaltante que tinha roubado o comércio dias antes. O policial fazia a segurança do local em seu dia de folga da Polícia Militar de São Paulo.

Após a tragédia pessoal do Thiago, eles (os militantes do coletivo de comunicação) concluíram que não bastava divulgar as ações positivas da periferia. Era preciso publicar e analisar profundamente os problemas que permeiam e prejudicam as classes subalternas e as periferias, como a violência, educação pública, saúde, transporte, saneamento básico. Além disso, desvendar a ideologia hegemônica contida nas pautas conservadoras das igrejas e da imprensa hegemônica e propor análises a partir de pautas progressistas, como o racismo, a homofobia, entre outros. “Você vai na quebrada as pautas conservadoras têm amplo apoio. A maioria penal tem ampla maioria”. (MARTINS, 2015, em entrevista concedida para este artigo). Isso devido, principalmente, pela forte presença da igreja nas periferias da zona sul.

Começou aí uma trajetória mais política [Periferia em Movimento]. Começamos a refletir mais sobre o que a gente fazia. E depois as manifestações de junho de 2013, a gente percebeu que virou a chavinha de muita gente, é embate político que a gente tem que fazer, não é a comunicação pela comunicação, não é falar de coisas legais, bonitinhas que estão acontecendo na periferia. É uma questão de conflito o tempo todo que a gente está dentro e a gente tem que se posicionar sempre. Ficamos mais próximo de outros coletivos de comunicação como Escola de Notícia, mas presente nessas lutas. (MARTINS, 2015, em entrevista concedida para este artigo).

Castells (2013) analisa que os movimentos sociais, assim como as mídias radicais, são impulsionados pela emoção – sentimentos: raiva, amor. E enfatiza: “Mas o *big bang* de um movimento social começa quando a emoção se transforma em ação”. (CASTELLS, 2013, p. 24). Com a morte do amigo de Thiago, o Periferia em Movimento reformulou as pautas jornalísticas do coletivo, focando nas matérias reflexivas sobre os problemas das classes trabalhadoras e da periferia.

Além do *blog* de notícias e das mídias sociais, o Periferia em Movimento organiza e ministra palestras em escolas do ensino fundamental e universidades privadas e oficinas como o “Repórter da Quebrada” para os adolescentes do extremo da zona sul.

Thiago enfatiza que as oficinas e as palestras são essenciais para aumentar a audiência do *blog*, formar o público de leitores críticos. Segundo o idealizador do Periferia em Movimento, a audiência do *blog* é formada por indivíduos que já superam criticamente o senso comum e estão mergulhados na cultura popular de oposição. Para isso, é preciso disseminar ideias progressistas / contra-hegemônicas entre os jovens, fazendo-os refletir e questionar todas as informações e discursos vindos da igreja e da imprensa hegemônica, por exemplo.

É assim que o coletivo de comunicação Periferia em Movimento trabalha para *furar a bolha*, ou seja, aumentar o seu alcance efetivo entre as comunidades periféricas. “Mesmo na internet, por maior que seja o nosso alcance, a maior parte das pessoas que a gente alcança, são pessoas que já pensam como a gente, que estão na mesma sintonia”. (MARTINS, 2015, entrevista concedida).

Em 2015, a equipe fixa da Periferia em Movimento é formada pelos jornalistas Thiago Martins, Aline Rodrigues e Ana Paula Fonseca, que ajuda na organização das oficinas e das palestras. O coletivo de comunicação conta ainda com uma rede de colaboradores ocasionais para a produção de conteúdo para o *blog*.

3.1 Periferia em Movimento, a mídia da periferia na era digital.

Os coletivos de comunicação Periferia em Movimento, Voz da Comunidade e Do Lado de Cá produzem conteúdo jornalístico “da periferia para a periferia”, além de contestar a estrutura política capitalista. Com a apropriação das técnicas da informação – internet e informática, as classes trabalhadoras do mundo inteiro podem se conectar, divulgar informações entre si e disseminar ideologia a hegemonia dos trabalhadores.

Milton Santos analisa as perspectivas da globalização do fim do século XX e começo do século XXI, a partir do sistema da técnica da informação, o computador e a internet. “Por meio da cibernética, da informação, da informática e da eletrônica” (SANTOS, 2007, p. 25).

A integração potencial de texto, imagens e sons no mesmo sistema – interagindo a partir de pontos múltiplos, no mesmo tempo escolhido (real ou atrasado) em uma rede global, em condições de acesso aberto e de preço acessível – muda de forma fundamental a comunicação. (CASTELLS, 2008, p. 414).

Embora considere em seu livro que o sistema da informação não seja acessível a toda população mundial, já que as técnicas foram criadas e intermediadas (e ainda são) pelas empresas hegemônicas, Santos avalia que “cibernética” pode superar os interesses do capital,

já que o computador não exige alto investimento financeiro e é mais acessível aos grupos subalternos que as técnicas hegemônicas anteriores. Santos complementa que “os novos instrumentos, pela sua própria natureza, abrem possibilidade para a sua disseminação no corpo social, superando as clivagens socioeconômicas preexistentes”. (SANTOS, 2007, p.164).

Envolvendo-se na produção de mensagens nos meios de comunicação de massa e desenvolvendo redes autônomas de comunicação horizontal, os cidadãos da era da informação tornam-se capazes de inventar novos programas para suas vidas com as matérias-primas de seu sofrimento, suas lágrimas, seus sonhos e esperança. (...) Subvertem a prática da comunicação tal como usualmente se dá, ocupando o veículo e criando a mensagem. (CASTELLS, 2013, p. 18).

Para Castells (2013), as mídias digitais são ferramentas eficazes para a organização, convocação e mobilização de pessoas, assim como a construção e a disseminação do discurso contra-hegemônico. “As redes digitais baseadas na internet e nas plataformas sem fio são ferramentas decisivas para mobilizar, organizar, deliberar, coordenar e decidir” (CASTELLS, 2013, p. 171).

As mídias digitais podem (potencialmente) atingir e conectar indivíduos do mundo inteiro, porém, muitos coletivos de comunicação de periferia não são conhecidos dentro da sua própria região. Por exemplo, o Periferia em Movimento é desconhecido por muitos indivíduos do bairro do Grajaú, município de São Paulo.

Outra característica da mídia radical alternativa é a audiência ativa, que não aceita passivamente os produtos culturais e as informações dos meios de comunicação. Produzem, inclusive, o conteúdo das mídias radicais para as plataformas digitais. “A mídia radical alternativa constitui a forma mais atuante da audiência ativa e expressa as tendências de oposição, abertas e veladas, nas culturas populares” (DOWNING, 2004, p. 33).

Como espaço autônomo, os governos e as grandes empresas globais e nacionais podem intermediar e tentar controlar o conteúdo propagado nas mídias digitais (*blogs, sites* e redes sociais digitais), mas não podem detê-lo. “A autonomia na comunicação propiciada pela internet tornou possível a difusão viral de vídeos, mensagens”. (CASTELLS, 2013, p. 34).

Os movimentos sociais [mídias radicais alternativas] exercem o contrapoder construindo-se, em primeiro lugar, mediante um processo de comunicação autônoma, livre de controle dos que detêm o poder institucional. Como os meios de comunicação de massa são amplamente controlados por governos e empresas de mídia, na sociedade em rede a autonomia de comunicação é basicamente construída nas redes da internet e nas plataformas de comunicação sem fio. As redes sociais digitais oferecem a possibilidade de deliberar sobre e coordenar as ações de forma amplamente desimpedida. (CASTELLS, 2013, p. 18).

Apesar disso, a audiência do *blog* Periferia em Movimento é de 220 mil acessos. Porém, o importante para as mídias radicais é conseguir atingir as classes trabalhadoras das periferias. Portanto, é necessário ampliar o público de leitores do Periferia em Movimento, dentro do bairro do Grajaú.

A palavra "sucesso" tem uma perspectiva mercadológica e é paradoxal que ela deva servir como referência para qualquer mídia alternativa. Não creio que podemos falar de "sucesso" em ambientes de contra-hegemonia. Sua importância reside, a meu ver, justamente por serem pouco conhecidos das grandes audiências ou dos círculos oficiais. O âmbito de atuação deles deve ser o local e sua temporalidade, o cotidiano das pessoas que eles devem refletir. (PELEGRINI, 2015, em entrevista concedida).

Apesar do espaço da rede ser espaço autônomo, sem controle total do Estado e das corporações mundiais, a resistência das classes subalternas é consolidada na relação dialética entre espaço da rede e o espaço urbano. E uma das brechas proporcionadas pela tecnologia da informação (computador / celular e internet) às classes subalternas é justamente conectar e organizar indivíduos e fazê-los ocupar o espaço público urbano.

Verifica-se que as palestras e as oficinas promovidas pelo Periferia em Movimento são brechas para a resistência das classes subalternas.

Produzir conteúdo e jogar no Facebook não adianta, a gente não tem a verba de divulgação que a Folha de S. Paulo tem, pode pagar uma equipe de mídia social, pagar anúncio para o post parecer em destaque no Facebook, a gente não tem isso, o que acaba limitando. Você está na internet atinge o mundo inteiro, mas o seu vizinho não recebe a sua informação. (MARTINS, 2015, entrevista concedida).

3.2 Periferia em Movimento – Palestras e Oficinas

Após a conclusão da graduação de Jornalismo em 2010, os recém-formados jornalistas precisavam de investimento financeiro para continuar com o coletivo Periferia em Movimento. Por isso, eles inscreveram para o VAI¹⁵ o projeto “Periferia em Movimento Debates”, que consistia em um ciclo com seis palestras para mais de 200 moradores, artistas e

¹⁵ Programa para a valorização de iniciativas culturais. Lei 13540 e regulamentado pelo 43823/2003. Apóia financeiramente, por meio de subsídio, atividades artístico-culturais, principalmente de jovens de baixa renda e de regiões do Município desprovidas de recursos e equipamentos culturais. Disponível em <<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/fomentos/index.php?p=7276> > Acesso em 27 de set 2015.

militantes do Grajaú. Os temas dos debates eram moradia, educação, cultura, e movimentos sociais.

O grupo compreendeu que as palestras poderiam ajudá-los a desconstruir a ideologia hegemônica e a disseminar ideias contra-hegemônicas, a partir da discussão de temas relacionados a realidade das classes trabalhadoras e das periferias, assim como as relações de dominação econômica e cultural da elite capitalista sobre as classes subalternas.

Por isso, a equipe do Periferia em Movimento continuou (e continua) realizando as palestras e as oficinas. “A gente se inscreveu novamente no VAI, projeto de oficinas porque a gente via que mais do que a gente falar, era importante as pessoas sentirem-se apropriadas”. (MARTINS, 2015, em entrevista concedida).

Periferia em Movimento é um de coletivo de comunicação e ao mesmo tempo “escola”, duas instituições da sociedade civil, responsáveis pela construção e disseminação da ideologia. No caso da mídia radical alternativa Periferia em Movimento, a ideologia disseminada é a contra-hegemônica capitalista.

As palestras nas escolas de ensino médio e nas universidades, assim como as oficinas para adolescentes do Grajaú, são brechas para a construção do discurso / ideologia contra-hegemônica, contribuindo para a resistência das classes subalternas à “dominação” econômica e cultural da elite capitalista.

É o maior desafio é furar essa bolha. Não é só da gente da comunicação, é de todo mundo, de todos os movimentos. (...) As oficinas, talvez, sejam o caminho. Pelo menos, agrupar as pessoas que pensam como a gente, organizar mais e ampliar. Fazer outras pessoas pensarem, porque aí você amplia o alcance, talvez. (MARTINS, 2015, em entrevista concedida).

Em 2015, o coletivo de comunicação desenvolveu com apoio do edital Redes e Ruas da Prefeitura de São Paulo¹⁶ o projeto “Repórter na Quebrada”, uma oficina para adolescentes de 13 a 17 anos moradores do extremo da zona sul da cidade, que consiste em preparar os jovens para produzir conteúdo (textos, fotos e vídeos) para as plataformas digitais: sites, *blogs* e mídias sociais. Além disso, os coordenadores do projeto, Thiago Martins e Ana Paula Fonseca, preocupam-se principalmente em debater / discutir temas progressistas e relacionados aos problemas das periferias ou das classes subalternas durante os encontros.

¹⁶ Lançado em 19/08/ 2014, o Redes e Ruas é uma iniciativa para a ocupação dos espaços públicos da cidade e contempla as seguintes atividades: debates, encontros, oficinas, criação de blogs, sites, veículos de jornalismo comunitário, interações e inovações artísticas, aplicativos e novos pontos de encontro. Disponível em < <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/?p=16444> > Acesso em 10 set. 2015.

Verifica-se durante a oficina “Repórter da Quebrada” que a concepção de mundo de parte dos 25 jovens é do senso comum, reforçado e construído pelas ideologias da igreja evangélica e pela imprensa hegemônica. As discussões de ideias entre os entrevistados e a Ana Paula, organizadora e uma das responsáveis pela oficina, fazem, pelo menos, com que os jovens pensem e reflitam sobre as suas ações e as suas crenças. “Quando, individualmente, um elemento da massa supera criticamente o senso comum, ele aceita, por este mesmo fato, uma filosofia nova”. (COUTINHO, 2011, p. 150).

É importante para a gente despertar em alguns daqueles jovens que eles possam assistir a Globo criticamente, que ele consiga interpretar aquilo [reportagens] criticamente, pelo menos o mínimo. Que toda informação que receba pelo Facebook ou Whatsapp, ele se questione o que está por trás disso. (MARTINS, 2015, em entrevista concedida para este artigo).

Portanto, os jovens saem da oficina “Repórter da Quebrada” diferentes de quando iniciaram o *workshop*. A oficina pode não transformar completamente a ideologia deles, mas os adolescentes ficam mais críticos sobre o discurso da mídia hegemônica e conhecendo melhor a sua realidade cultural e econômica e tolerantes as diferenças (etnia, credo, entre outras).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de desenvolvidas e ainda intermediadas pelas classes hegemônicas, as mídias digitais podem ser apropriadas pelas classes subalternas para resistência à hegemonia capitalista.

A hegemonia capitalista (na estrutura) é legitimada e mantida (na superestrutura) na cultura / ideologia do capital do consumismo e do individualismo organização e mobilização de indivíduos. Por isso, as classes subalternas podem utilizar as mídias digitais para desvendar a ideologia/cultura hegemônica capitalista (lucro, capital, individualismo e consumismo) e para disseminar nova ideologia. Essa nova ideologia – contra-hegemônica capitalista – baseada nos indivíduos, no ser humano, e não no capital.

Considera-se, portanto, que as técnicas atuais da informação são acessíveis às classes subalternas como nenhuma outra tecnologia hegemônica foi anteriormente na história, mesmo compreendendo que as tecnologias da informação (computador ou celular e internet) ainda não sejam acessíveis a toda população brasileira.

Se na imprensa hegemônica, as classes subalternas são estereotipadas pela sua condição social, etnia, cultura, religião, as mídias radicais alternativas desenvolvem canais que respeitem à origem e à realidade das classes, a cultura popular, das classes subalternas.

Como a mídias radicais alternativas são expressão da cultura popular de oposição, seus organizadores utilizam o espaço autônomo da rede para disseminar conteúdo contra-hegemônico, seja na organização de grupos seja na divulgação de eventos culturais nas periferias, pautas progressistas (aborto, racismo, homofobia, entre outros) e problemas das classes subalternas e das periferias, como saúde, educação, transporte, entre outros.

Portanto, as mídias radicais alternativas, possibilitam a disseminação de nova cultura e ideologia. Não mais localizada no capital, no individualismo e no consumismo, mas centrada no homem, na comunidade, em melhores condições de vida (trabalho, educação, saúde) para todas os indivíduos.

Porém, a transformação consolida-se na relação dialética entre o espaço da rede e o espaço urbano, onde os indivíduos em grupo – sociedade – colocam em prática a nova ideologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, S.; SILVA, R. **A Voz do Alemão**. São Paulo:Versos, 2013.
- BARBERO M., J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- BORGES, Thiago. Periferia em Movimento e mídia radical alternativa. São Paulo, 08 ago. 2015. Entrevista concedida a Thais Pereira da Silva.
- CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- _____. **Communication Power**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2009.
- _____. **Redes de indignação e esperança. Movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- COUTINHO, C. (org). **O Leitor de Gramsci. Escritos escolhidos: 1916 – 1935**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- DOWNING, J. D. H. **Mídia Radical. Rebeldia nas Comunicações e Movimentos Sociais**. São Paulo: Senac, 2004.
- GARCIA CANCLINI, N. Cultura transnacional y cultura populares. Bases teórico-metodológicas para la investigación. In: **Cultura transnacional y culturas populares**. Lima: IPAL, 1998.
- GRUPPI, L. **O conceito de hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- IANNI, O.; O príncipe eletrônico. In: **Enigmas da modernidade de mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 140 – 166.
- IVANOVICI, Tatiana. Do Lado de Cá. São Paulo, 29 abr. 2015. Entrevista concedida a Thais Pereira da Silva.
- MATTELART, A. **Comunicação Mundo. História das ideias e das estratégias**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MORAES, D. Comunicação, Hegemonia e Contra-hegemonia: A contribuição de Gramsci. **In: Revista Debates**. Porto Alegre, v.4, n.1, p. 54 – 77, jan – jun, 2010.
- NOGUEIRA, S. **Poder, Cultura e Hegemonia: Elementos para uma discussão**. In: **Extrapresa**. São Paulo, v.3, n.2, 2010.
- OLIVEIRA, D. Movimento Sociais e uma nova cultura política em tempos de ação direta do capital. **In: Aracê – Direitos Humanos em Revista**. Rio de Janeiro: v.1, n.1, 2014.
- PELEGRINI, Milton. Jornalismo contra-hegemônico. São Paulo, 17 ago. 2015. Entrevista concedida a Thais Pereira da Silva.
- PERIFERIA em Movimento. Disponível em: < <http://periferiaemmovimento.com.br/>> Acesso em 27 de jun 2015.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro. Record, 2007.
- SEMERARO, G. **GRAMSCI e os Novos Embates da Filosofia da Práxis**. Aparecida: Ideias e Letras, 2006.

APÊNDICE

Entrevista concedida por Thiago Borges, um dos idealizadores e membro fixo do coletivo de comunicação Periferia em Movimento, realizada presencialmente durante a oficina “Repórter da Quebrada”, dia 8 de agosto de 2015.

O começo.

Thiago Borges - Nós (Thiago Borges, Aline Rodrigues e Sueli Carneiro) estudávamos juntos [faculdade de Jornalismo]. A Sueli e eu moramos no Grajau e Aline morava no Campo Limpo. Nós nem eramos amigos, mas sentíamos o incomodo de como a mídia retratava e retrata as periferias, dando destaque para a violência, para a criminalidade e para questões negativas e sempre de forma rasa, superficial, sem aprofundar nas causas da violência, tratando como se a violência fosse algo natural, as pessoas fossem violentas naturalmente. E a gente sabia que não era, a gente sabia que tinha muita coisa boa *rolando*, iniciativas dos próprios moradores para suprir essas deficiências do Estado, que eram as causas da violência no fim das contas. E a gente queria contar isso, porque a gente não via isso na mídia convencional, não se via representado. Aí a gente começou a pesquisar mais sobre comunicação em periferia e fizemos um documentário¹⁷ “Grajau na construção da Paz” como TCC – Trabalho de Conclusão de Curso – sobre movimento social do Grajau, foi aí que deu início a Periferia em Movimento.

Sobre o Documentário “Grajau na construção da Paz”.

Thiago Borges – A gente acompanhou durante um ano os preparativos do evento pela paz, que é o ápice do movimento contra a violência e que estava completando 10 anos, em 2009. A gente queria mostrar o impacto deste movimento e de movimentos como este na vida das

¹⁷ GRAJAÚ na Construção da Paz. Direção: Aline Rodrigues, Thiago Martins e Sueli Carneiro. São Paulo. 20 min. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=Ld1sgo2Y8RE> > < <https://www.youtube.com/watch?v=TJAqv3nxlQQ> > Acesso em 10 ago. 2015.

peessoas. Movimentos liderados por moradores para encontrar soluções e alternativas para as suas necessidades.

O Blog

Thiago Borges – Em paralelo ao documentário, a gente criou um *blog* porque tinha muita informação que a gente não via que não ia utilizar [no documentário]. A gente tinha trabalho, jornalismo convencional. A gente não tinha a perspectiva de dar continuidade. Mas criamos o blog para dar vazão as informações e percebemos que havia uma demanda, pois, as pessoas mandavam pautas: ‘divulga essa peça’ ‘divulga esse evento’.

As Palestras e as oficinas

Thiago Borges - Em 2010, a gente começou a pensar que podia dar continuidade ao projeto de alguma forma. Neste ano, escrevemos um projeto para o VAI, um ciclo de palestras para moradores, artistas e militantes locais no Grajau sobre os temas que a gente pesquisou durante o TCC, foram seis debates realizados sobre moradia, educação, cultura, movimentos sociais. E o *blog* continuava como projeto paralelo, mas para divulgar essas ações. Em 2011, a gente se inscreveu novamente no VAI, projeto de oficinas porque a gente via mais que a gente falar era as pessoas sentirem-se apropriadas. Então, a gente fez duas oficinas de audiovisual, uma no Grajau e outra no Campo Limpo, o que resultou em sete curtas, sendo seis documentários e um de ficção. Mas do que a técnica, a ideia era o olhar, sobre o que eles queriam falar ou mostrar. Tudo isso foi laboratório para a gente chegar onde a gente está hoje.

Thiago antes da dedicação exclusiva à Periferia em Movimento.

Thiago Borges - Eu trabalhava para uma revista cobrindo negócios. Era o dia inteiro atravessando a cidade, vendo a cidade mudar pela janela do trem, indo entrevistar executivo. Depois voltava e encarava a realidade da maioria das pessoas, era meio fantasia. Além disso, ensinando mecanismos para eles venderem mais.

Ideologia da Periferia em Movimento

Thiago Borges - Estamos ainda em laboratório. Estamos experimentando o tempo todo. Ver quais são as necessidades de agora. A gente queria falar das coisas positivas que estavam acontecendo. Hoje a gente já tem uma outra percepção, hoje a gente fala da luta, pelos direitos humanos das periferias e quem está nessas lutas, a gente começou a ampliar esse olhar. Isso é recente, é do ano passado [2014] para cá.

Dedicação Total ao Periferia em Movimento.

Thiago Borges - Em 2012, sem apoio de edital nenhum, a gente não sabia o que seguir. Na primeira metade do ano, a gente só publicou algumas coisas no *blog*. Aí eu e a Aline decidimos sair dos nossos empregos convencionais para dedicar mais tempo ao Periferia em Movimento. Nisso, a Ana já tinha entrado, ela entrou em 2011 durante as oficinas. A gente era *freelancer*, tinha garantia de uma renda, mas tinha um tempo mais flexível para pensar as possibilidades.

Foi aí que a gente decidiu focar na produção de conteúdo para o *blog*, era algo que estava ao nosso alcance e não necessitava investimento, priorizando a divulgação de ações de coletivos culturais nas periferias de São Paulo. Na prática, a gente não dava conta, porque, em São Paulo, tem mais de nove mil coletivos culturais nas periferias, segundo a Ação Educativa, que publica a agenda cultural da periferia. Daí a gente começou a focar na zona sul. Hoje estamos focados, principalmente, no extremo sul. Não que a gente não fale do que acontece em outras regiões, mas o foco é aqui [extremo da zona sul]. As oficinas são aqui, nas reportagens a gente procura ouvir as pessoas daqui, dessa região entre as represas, a Guarapiranga e a Billings.

A gente conseguiu passar pelo processo de formação de gestão pelo Impact Hub, uma organização de empreendedorismo e impacto social global. Foi importante para a gente definir melhor os papéis, encontrar melhor as funções, porque eram dois jornalistas que estavam a frente, a gente faz reportagem, mas e o resto [parte financeira e administrativa]? Foram competências que a gente foi acumulando, assumindo e aprendendo.

Em 2013, a gente entrando nesse processo de incubação. Aí a gente teve mais tempo para produzir conteúdo, fazer mais oficina em escola, aldeias indígenas.

Tragédia pessoal e nova etapa ideológica do Periferia em Movimento.

Thiago Borges - Foi a morte de um amigo pela polícia, em novembro de 2012. Ele estava indo trabalhar e aí um policial, que estava fora do trabalho dele na PM mas fazendo *bico* para um comércio que tinha sido assaltado, achou que ele tinha as características do assaltante, que era preto, o meu amigo era preto e o policial matou o meu amigo. Foi um choque, porque a gente fala do racismo, do genocídio, a gente vê isso acontecendo. Eu cresci com cadáver na minha porta. Mas quando é alguém muito próximo, isso vira uma chavinha lá dentro. Para mim, pessoalmente, virou uma chavinha.

Começou aí uma trajetória mais política [Periferia em Movimento]. Começamos a refletir mais sobre o que a gente fazia. E depois as manifestações de junho de 2013, a gente percebeu que virou a chavinha de muita gente, é embate político que a gente tem que fazer, não é a comunicação pela comunicação, não é falar de coisas legais, bonitinhas que estão acontecendo na periferia. É uma questão de conflito o tempo todo que a gente está dentro e a gente tem que se posicionar sempre. Ficamos mais próximo de outros coletivos de comunicação como Escola de Notícia, mas presente nessas lutas.

Jornalismo comunitário

Thiago Borges - Em 2014, a gente não tinha nenhum apoio, a gente começou a pensar em como viabilizar o nosso projeto, viabilizar o nosso trabalho financeiramente, pagar as contas mesmo. Tinham muitos estudantes de jornalismo que procuravam cursos. Aí a gente pensou porque não fazemos cursos de jornalismo comunitário para esses estudantes de jornalismo. Muitas faculdades de jornalismo têm disciplinas de jornalismo comunitário, mas visto ainda como o jornal de bairro do vereador, chapa branca, que não é comunitário, não está falando dos problemas da comunidade.

Criamos um curso de extensão universitária com a Universidade Cruzeiro do Sul e o Sesc Interlagos, voltado para educadores da região.

Coberturas do Periferia em Movimento

Thiago Borges - A gente participou da cobertura do Mundial de Futebol de Rua, que aconteceu paralelamente à Copa do Mundo, na cidade de São Paulo, com mais de 300 jovens e adolescentes de 20 países. Tinha cunho político também de confrontar o futebol padrão FIFA, é uma metodologia que usa o futebol para resolução de conflito, eram jovens de periferias de 20 países. Foi uma experiência muito louca, porque apesar da língua e da distância, você via que as semelhanças eram muitas.

Participamos de outras coberturas, como estética na periferia, as viradas sustentáveis, mostra cultural da Coperifa, coberturas colaborativas com outros coletivos de comunicação.

Importância das Oficinas nas Escolas

Thiago Borges - A gente faz muitas oficinas em escolas também. É importante a gente fazer oficina nas escolas, porque a gente percebe que está falando com um público diferente, que pensa diferente. Mesmo na internet, por maior que seja o nosso alcance, a maior parte das pessoas que a gente alcança, são pessoas que já pensam como a gente, que estão na mesma sintonia.

Pessoas que pensam diferente são como o meu pai, que assiste o Marcelo Rezende. Como você vai contrapor os argumentos desse caras [Marcelo Rezende, Datena] , você não tem as mesmas ferramentas, os mesmos recursos. Você [a população] é bombardeado com essas informações o dia todo. E mesmo quem está na militância, se pega reproduzindo certos discursos, imagina quem não tem um olhar crítico para a mídia.

Está na escola, mesmo que por um tempo curto, a gente faz oficina com quatro horas de duração. É importante para a gente despertar em alguns daqueles jovens que eles possam assistir a Globo criticamente, que ele consiga interpretar aquilo [reportagens] criticamente, pelo menos o mínimo. Que toda informação que receba pelo *Facebook* ou *Whatsapp*, ele se questione o que está por trás disso.

Repórter da Quebrada e Internet

Thiago Borges - Foram 40 inscritos. A turma era para 20, mas a gente acabou chamando os 40. Mas temos entre 25 e 20 alunos frequentando a oficina. A gente ficou com medo que houvesse evasão, porque a gente já viveu isso uma vez, mas eles estão aí firmes e fortes, é uma batalha que a gente trava. É um trabalho de formiguinha tentar desconstruir algumas ideias. Produzir conteúdo e jogar no *Facebook* não adianta, a gente não tem a verba de divulgação que a Folha de S. Paulo tem, pode pagar uma equipe de mídia social, pagar anúncio para o post parecer em destaque no *Facebook*, a gente não tem isso, o que acaba limitando. Você está na internet atinge o mundo inteiro, mas o seu vizinho não recebe a sua informação.

O curso tem 40 horas de duração para discutir jornalismo e direitos humanos no contexto das periferias. A gente já teve discussão sobre direitos humanos, história e memória, jornalismo. Semana passada, eles fizeram exercício de pensar pautas relacionadas aos direitos humanos, foram para as ruas entrevistar pessoas e hoje dentro das pautas que eles escolherem estão entrevistando pessoas que permitem aprofundamento dessas questões.

Pautas conservadoras.

Thiago Borges - Você vai na quebrada as pautas conservadoras têm amplo apoio. A maioria penal tem ampla maioria.

Apoio Financeiro.

Thiago Borges - Editais e alguns serviços, por exemplo, esse ano fizemos um curso de extensão comunitária, mas foi mais curto que do ano passado, apenas 12 horas.

A gente também fez a cobertura de evento promovido Instituto Goethe, o Massa Revoltante. Era um evento de música de protesto, tinham muitos participantes que eram artistas das periferias ou com linguagem que a gente entende como periférica, por exemplo, que abordam os mitos dos orixás, culturas marginalizadas. Eles [Instituto Goethe] queriam o nosso olhar para isso, então, a gente foi contratado para fazer a cobertura deste evento por eles.

Hoje, por exemplo, eu estava num curso que a gente está fazendo com o Sesc Interlagos de libras. Comunicação por outros caminhos, a outros públicos que estão à margem, na periferia da periferia.

É isso, a gente tem apoio de editais, mas busca apoio de organizações prestando algum tipo de serviço, até para outros coletivos mesmo.

Crowdfunding

Thiago Borges - A gente fez ano retrasado [2013] para o projeto “A margem da margem”, com a proposta de falar de quem está à margem da margem, a gente destacou alguns grupos [para gente] que são minorias, como indígenas, minorias religiosas, travestis, transexuais. Demorou um ano pesquisando sobre isso. Fizemos um *crowdfunding* e arrecadamos dois mil reais, que era a meta, era bem pouco mesmo, mas deu muito trabalho. Ano passado [2014], publicamos mais de 30 reportagens sobre esses públicos e fizemos oficinas sobre diversidade nas quebradas também, como combater os rótulos, o rotulo de periferia e esses outros rótulos: travesti, migrante.

Sobre a possibilidade de fazer outro *crowdfunding*

Thiago Borges – Não sei. Talvez, pensar para outros projetos. A experiência que a gente teve foi muito trabalhosa, foram vários conflitos. Eu não sei se a gente faria de novo. Não sei [muito pensativo]. Teria que avaliar o tamanho da rede.

O público: Mídia hegemônica x coletivos de comunicação contra-hegemônicos.

Thiago Borges – É o maior desafio é furar essa bolha. Não é só da gente da comunicação, é de todo mundo, de todos os movimentos.

Não é à toa que tem esse avanço conservador, é que a gente [coletivos de comunicação] está falando para a gente mesmo. Se você vai a um sarau aqui ou na Brasilândia, você encontra as mesmas pessoas. Na minha bolha do *Facebook*, a Luciana Genro era presidenta, todo mundo com perfil pintado de arco-íris [quando o casamento gay foi permitido nos Estados Unidos] ou todo mundo contra a redução da maioridade penal. Mas não é assim. É uma bolha, a gente vive nessa bolha. O desafio é furar a bolha, não sei como. Não tenho resposta ainda.

As oficinas, talvez, sejam o caminho. Pelo menos, agrupar as pessoas que pensam como a gente, organizar mais e ampliar. Fazer outras pessoas pensarem, porque aí você amplia o alcance, talvez.

Periferia em Movimento Hoje

Thiago Borges - Ana atua no Periferia em Movimento quando a gente tem oficinas. Tem outros parceiros que atuam com a gente, como Escola de Notícia, TV Grajau, Cedeca, Ecolab. Enfim, tem vários parceiros que a gente acaba trocando pautas e ideias. Geralmente, a gente troca conteúdo.

Entrevista concedida por Tatiana Ivanovici, idealizadora da rede de “Do Lado de Cá”.

Concedida por e-mail (liganois@doladodeca.com.br) dia 29 de abril de 2015.

Sobre o Do Lado de Cá

Surgiu da necessidade de ter um canal de comunicação que consolidasse todos os pilares da cultura popular e periférica.

O projeto foi idealizado pela Tati Ivanovici (eu), que possui expertise no conteúdo de periferia e identificou a necessidade de ter um veículo onde fosse possível divulgar todo o conteúdo de norte a sul do Brasil que chegava até mim.

Pessoas estão envolvidas no projeto “Do Lado de Cá”.

Atuamos em Rede, não é possível contabilizar exatamente quantas pessoas temos na Rede Do Lado de Cá hoje.

Qual é a importância de um site voltado para a divulgação de projetos e informações que não estão na pauta da mídia hegemônica?

A proposta foi exatamente ter um veículo que divulgasse e desse visibilidade para as pautas positivas da periferia, que não tinham espaço nos veículos *mainstream*.

Por que divulgar os eventos culturais e os artistas da periferia?

Porque este é nosso objetivo, o site existe pela periferia e para a periferia.

Recursos financeiros.

Ainda não sobrevive a Rede DLDC banca o site com recursos de outros projetos.

Como a mídia hegemônica retrata a periferia?

Na maioria das vezes de forma estereotipada, com o olhar de fora pra dentro. Culturas subalternas? O que você quer dizer com isso? Não existe cultura subalterna, na minha opinião.

Entrevista concedida por Prof. Dr. Milton Pelegrini, professor e pesquisador sobre jornalismo contra-hegemônico do Departamento de Jornalismo da PUC-SP¹⁸.

Concedida por e-mail (prof.pelegrini@gmail.com) dia 17 de agosto de 2015.

Sou jornalista, professor e pesquisador do Departamento de Jornalismo da PUC-SP. Realizei meu mestrado e doutorado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, e ainda um estágio de pós-doutoramento na Universidad Austral de Chile, UACH, na cidade de Valdivia, junto ao Programa de Postgrado en Comunicación, da Facultad de Filosofía y Humanidades em 2102. Líder do grupo de pesquisa Mediações Telemáticas, chancelado pela PUC-SP junto ao CNPq coordeno, atualmente, um projeto de extensão comunitária junto ao Instituto Arte no Dique, na Zona Noroeste da cidade de Santos, onde existe a maior comunidade de palafitas do Brasil, de acordo com o IPEA. O projeto consiste em capacitar moradores locais para a produção de conteúdo editorial jornalístico com o objetivo de manter um jornal comunitário e uma *radioweb* capazes de servir como ambientes de comunicação com foco na resistência contra a hegemonia simbólica de produção de sentidos dos veículos corporativos locais, regionais e nacionais. Trata-se de garantir a difusão de uma produção sonora e editorial com qualidade suficiente para servir como contraponto e alternativa aos produtos informativos e culturais comerciais veiculados pelas corporações de mídia em níveis políticos, econômicos, artísticos, culturais e ambientais. O projeto chama-se REDIC - Rede de Distribuição de Informação Comunitária e ele é fruto de convênio institucional entre a PUC e o Arte no Dique. Estão previstas as realizações de cursos de capacitação, desenvolvimento de jornal digital e a criação da uma *radioweb*. Participam, nesta fase inicial, professores da PUC-SP, pesquisadores convidados, alunos e jornalistas voluntários. O projeto conta ainda com o apoio do CNPq que concedeu uma bolsa de Iniciação Científica (que inicia em agosto de 2015) ao projeto.

¹⁸ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Para John D. H. Downing (2011), "Numa estrutura em que as classes e o Estado capitalista são analisados meramente como controladores e censores da informação, o papel da mídia radical pode ser visto como o de tentar quebrar o silêncio, refutar as mentiras e fornecer a verdade. Esse é o modelo de contra-informação". Comente sobre o papel do jornalismo contra-hegemônico.

Creio que a ideia de contra-hegemonia, quando estendida para a atividade jornalística, deve ser entendida como um modo de escapar da coerção social exercida pelos controladores do mercado da informação e do entretenimento em quaisquer níveis. Em uma sociedade hipermediatizada como a que vivemos atualmente é preciso encontrar mecanismos que possam, efetivamente, alimentar-se de informação produzida pela comunidade, e, desta maneira, figurar efetivamente como espelho da comunidade. A atividade jornalística precisa representar o cotidiano social e não construí-lo ou inventá-lo diariamente. Não creio que deva ser o papel da mídia ou do jornalismo fornecer verdades ou refutar mentiras. Dedico a eles um papel mais nobre e simples: mostrar as versões. O jornalismo contra-hegemônico precisa explorar as versões sobre os fatos, suas lógicas intrínsecas e seus desdobramentos na sociedade. Deixar de ser uma atividade essencialmente diagnóstica para ser prognóstica, ajudar a comunidade a desenhar novos projetos de futuro. Jornalismo contra-hegemônico precisa tratar das questões experimentadas cotidianamente pelas pessoas, por isso, ele precisa ter como referência uma dimensão local.

Audiência das mídias radicais.

Não é uma questão de abrangência massiva. Entendo que buscar grandes audiências é estabelecer um sentido para o sentido da produção jornalística. Não imagino que uma rádio comunitária deva ter como projeto ser uma rede de rádios. Se essa for a estratégia de existência de uma rádio comunitária, então a lógica preponderante será a mesma que as grandes redes possuem, qual seja, ampliar sua participação no mercado da informação. Isso não configura resistência. Por isso, não se pode misturar a atividade jornalística com o modelo de negócio que subexiste no meio por onde ela circula.

O Jornalista das mídias radicais alternativas e os intelectuais orgânicos

Não necessariamente um jornalista deve ser um intelectual orgânico, embora deva ser um sujeito que sabe que exerce uma atividade intelectual. Classes sociais não são, necessariamente, ambientes de resistência per se, de onde nascem intelectuais orgânicos. Como afirmei anteriormente, o papel da atividade jornalística de resistência reside, fundamentalmente, em sua capacidade de oferecer as versões sobre os acontecimentos estabelecendo as lógicas intrínsecas que elas apresentam, e o papel do jornalista é o de garantir que seu trabalho seja a de mediador e não de profeta da "verdade". Não acho que é o caso de diploma, mas precisa de formação crítica e humanística para exercer o papel de mediador.

No livro "Por uma outra globalização", o geógrafo Milton Santos afirma que, diferentemente das outras tecnologias hegemônicas, a informática (considero aqui: computador / celular e internet) mais acessível à população. Comente sobre a apropriação das mídias digitais pelas classes subalternas.

A atividade jornalística tradicional sempre esteve lastreada na centralidade da emissão. Precisavam e ainda precisam disso para existirem como instrumentos de mediação social. Como emissores ou emissoras hegemônicos atribuem sentidos para os acontecimentos, pois são eles quem decidem o que é um acontecimento relevante para a sociedade. Com a popularização do uso das tecnologias de produção e distribuição de conteúdos em redes digitais, a "centralidade" da mídia hegemônica vai perdendo importância e os níveis de audiência que experimentavam. Consequentemente sua capacidade de ordenamento e da agenda sociais vai perdendo valor no mercado da informação e do entretenimento. Ainda é muito pequena a experiência efetiva do uso destas tecnologias com a finalidade de ajudar a construir novos sentidos para as sociedades que elas reverberam. É preciso lembrar que a informática foi estruturada como um negócio, como um ambiente absolutamente controlável e por um mercado hegemônico de desenvolvimento e de pesquisas tecnológicas. É preciso considerar que, se por um lado, a informática permite o surgimento de coletivos de

programadores e usuários contra-hegemônicos, como os que usam e defendem a liberdade do software livre, de outro, não existe hardware ou sistemas de transmissão livres. O uso ostensivo destas redes permite diagnosticar que já não estamos falando mais e apenas em classes sociais, mas em grupos sociais polarizados, sejam em níveis políticos, econômicos e/ou ideológicos.

Com as mídias digitais, qualquer pessoa pode produzir e divulgar conteúdo e divulgá-los. Comente sobre os coletivos de comunicação das periferias, como Movimento em Periferia e Voz da Comunidade.

São iniciativas muito positivas e elas contribuem decisivamente para a promoção de um tipo de jornalismo capaz de espelhar a transformação social e não simplesmente ser transformador social. Mas, como afirmei, os produtores destes veículos precisam de formação crítica e humanista, mas não de um diploma.

Para Downing (2011), não é fácil analisar / mensurar o sucesso de uma mídia alternativa, “Pois é quase da natureza dessa mídia o fato de que, com frequência, não se possa medi-la nem contá-la, e que seja tão pouco conhecida nos círculos oficiais ou fora da sua localidade”.

Em princípio, a palavra "sucesso" tem uma perspectiva mercadológica e é paradoxal que ela deva servir como referência para qualquer mídia alternativa. Não creio que podemos falar de "sucesso" em ambientes de contra-hegemonia. Sua importância reside, a meu ver, justamente por serem pouco conhecidos das grandes audiências ou dos círculos oficiais. O âmbito de atuação deles deve ser o local e sua temporalidade, o cotidiano das pessoas que eles devem refletir.

Sobre Periferia em Movimento.

Conheço apenas pelo que acompanho em sua página *web*. Parece-me um importante projeto de mídia comunitária e tem tudo para servir como espelho de um ambiente social que

existe e que permanece oculto pelo jornalismo hegemônico, seja pelo desconhecimento, pela omissão ou pela ignorância das corporações e dos conglomerados de mídia.

Outras mídias radicais alternativas.

Existem muitos e com muitas perspectivas de atuação. Não necessariamente se destacam uns aos outros porque os propósitos são diferentes. As comunidades usuárias e produtoras de softwares livres atuam contra-hegemonicamente e produzem um jornalismo especializado de resistência à indústria tecnológica em níveis tão importantes como a atuação do Periferia em Movimento, por exemplo.

Financiamento.

Creio que novos modelos de financiamento sejam fundamentais não só para a sobrevivência destes projetos de mídia contra-hegemônica, mas sobretudo pelo fato que os modelos tradicionais tendem a desaparecer com o uso potencial das tecnologias em uma outra escala. O "crowdfunding" como financiamento pessoal e o financiamento público em vários níveis como o de pesquisa, de promoção cultural etc. são exemplos, mas devem surgir novas possibilidades de custeio da produção editorial.

Alguns coletivos, como a Periferia em Movimento, organizam também oficinas para jovens sobre a prática jornalística e como produzir conteúdo.

Acho fundamental que os sujeitos de uma comunidade devam ser os mediadores de suas próprias realidades. Indo no sentido dos projetos desses coletivos, o grupo de pesquisa Mediatel (Mediações Telemáticas) vinculado ao curso de Jornalismo da PUC de São Paulo está iniciando um projeto de extensão comunitária para capacitar moradores do Dique da Vila

Gilda, a maior favela de palafitas do Brasil, na cidade de Santos, a produzirem jornalismo em nível local, seja na divulgação de acontecimentos vivenciados por eles, seja na repercussão in loco de temas regionais ou nacionais. Esta iniciativa é fruto de um convênio interinstitucional entre a PUC-SP e o Instituto Arte no Dique e deve abrigar outros projetos de pesquisa em outras áreas e setores de conhecimento.

Conversa com o Prof. Dr. do Departamento de Ciência Política da Universidade Estadual de Campinas Álvaro Biachi.

Concedida pelo aplicativo de mensagem do *Facebook* dia 2 de dezembro de 2015.

Intelectual orgânico.

Gramsci fala de intelectuais coletivos, mas também de indivíduos, como por exemplo Benedetto Croce (o caderno 10 é sobre esse intelectual).

Resistência das classes subalternas.

Nas classes subalternas as formas de consciência não são homogêneas. Misturam várias concepções de mundo, as quais podem até ser contraditórias entre si. Isso não impede que lutem ou resistam. O que uma concepção de mundo crítica permitiria é uma melhor compreensão dos meios e dos fins da luta e, portanto, uma maior eficácia desta.